

CONSIDERAÇÕES SOCIAIS NA ESCOLHA DO PRONOME *

BRIAN BAMBER **

É bastante conhecido o fato de que um grande número de línguas Indo-Européias distinguem duas formas da segunda pessoa do singular dos pronomes; sendo-o francês que apresenta "tu" e "vous", o alemão "du" e "Sie", e o hindu "tūm" e "ap" os exemplos mais comuns. Pressupõe-se que no inglês esta distinção foi substituída por diferenças nominais, e que a forma neutra "you" é hoje a única forma usada, tendo "thou" passado para a lingüística histórica. Entretanto isto não corresponde à realidade; as pessoas que freqüentam igrejas e capelas costumam ouvir "thou" quando a palavra é dirigida a Deus, mesmo que o padre não esteja fazendo uma citação direta da versão do Rei Jaime da Bíblia Sagrada. Um fato que talvez não seja amplamente conhecido é que há algumas áreas na Grã-Bretanha onde versões modernas do sistema pronominal mais antigo ainda são usadas junto com as formas novas. Isto quer dizer que certos falantes nativos ingleses ainda empregam "thou" ou modificações deste pronome ao se dirigirem a certas pessoas em determinadas situações. Como seguramente podemos pressupor que todos os falantes nativos ingleses também possuem "you" como parte integrante de seu repertório lingüístico, é interessante considerar não tanto porque estas formas persistem, mas em que circunstâncias são empregadas, isto é, quais os fatores que determinam que uma pessoa que tenha as duas formas a sua disposição, escolha "you" ou "thou" para dirigir-se a alguém. Gostaríamos de salientar, que para simplificar eu estou usando a forma "thou" como um termo composto, incluindo todas as suas variantes. A forma atual do pronome depende do ambiente lingüístico em que ocorre. Na região

* Tradução do Inglês por Anna Stegh, Auxiliar de Ensino de Língua Inglesa na Universidade Federal do Paraná.

** Brian Bamber nasceu na Inglaterra e formou-se em Línguas Modernas pela Universidade de Liverpool havendo, logo em seguida, recebido o título de Bacharel em Inglês pela Universidade de Londres. De 1961 a 1964 lecionou Inglês em Mayo College em Ajmer, Índia. Durante este mesmo período obteve o título de Mestre em Literatura Inglesa pela Universidade de Aligarh. De 1965 a 1967 lecionou Literatura Inglesa na Universidade da Líbia, em Benghazi e, durante os dois anos seguintes foi Chefe do Departamento de Inglês em Istcmia Collegiate em Peshawar, Paquistão. Em 1970 foi Chefe do Departamento de Inglês no Atchison College, em Lahore, Paquistão onde permaneceu três anos, retornando, em seguida, à Inglaterra onde obteve o título de Mestre em Lingüística e Prática de Ensino de Língua Inglesa pela Universidade de Leeds. Atualmente leciona na qualidade de Professor Visitante da Universidade Federal do Paraná.

específica do norte da Inglaterra, onde esta pesquisa foi feita, a forma mais comum em orações declarativas é 'tha", sendo a consoante fricativa "th" substituída pela oclusiva "t" nas perguntas; por exemplo:

You do	Tha does.
Do you?	Does ta?
You are	Tha art.
Are you?	Are ta?
You will	Tha'll
Will you?	Will ta ?
You have	Tha's
Have you?	Has ta?

As formas acusativas e possessivas, "thee", "thy" e "thine" seguem o mesmo esquema. Não nos preocupa a maneira como estas formas se manifestam foneticamente. Isto varia de lugar para lugar, mas em geral se baseia no esquema traçado acima. O verbo que segue, se não for modal ou passado, acrescenta o sufixo 's; por exemplo:

If you come, you play...! If tha comes, tha laiks".

A mudança léxica do segundo verbo é interessante, sendo típica com relação ao dialeto em questão; porém este detalhe pode ser considerado um tanto supérfluo no que concerne o propósito deste artigo. A maneira pela qual estas formas parecem ter evoluído regularmente do Médio Inglês, seria uma questão mais compatível com o nosso propósito. Comparemos as notas de Mossé (1952):

"Ao lado das formas $\overset{u}{p}u$, $\overset{u}{p}ou$ havia uma forma enclítica $\overset{u}{t}u$, $\overset{u}{t}ow$. Ex.: "hast thou", hast $\overset{u}{t}ow$; "wilt thou", wilt $\overset{u}{t}ow$; "thinkest thou", wenest $\overset{u}{t}u$.¹

Existem vários estudos excelentes de variação pronominal; porém eles tendem a restringir-se às línguas européias modernas ou ao inglês de tempos passados. McIntosh (1963), Mulholland (1967) e Quirk (1974), todos oferecem hipóteses interessantes, tais como porque Shakespeare permite que diversos de seus mais notáveis personagens como Falstaff, Lear, Sir Toby e Rosalind usem as duas formas alternadamente, sendo também as considerações de Brown e Gilman (1960) sobre o francês, alemão e italiano bastante escl-

1 MOSSÉ, Ferdinand. *A handbook of Middle English*. Baltimore, Johns Hopkins Press, 1952. p. 55.

recedoras. Entretanto, pouca ênfase parece ter sido dada à situação que prevalece atualmente na Inglaterra.

Como foi dito anteriormente ainda há um grande número de pessoas, que usam regularmente ambas as formas "you" e "thou" instintivamente, mudando de uma para outra de acordo com as circunstâncias, talvez sem ter consciência de estarem agindo desta maneira. O "Code Switching" em si, não é de maneira alguma incomum. Labov (1970) afirma o seguinte:

"Não há falantes de estilo individual. Alguns informantes mostram maior âmbito de mudança de estilo que outros, porém todos os falantes que encontramos mostraram alternar variantes linguísticas de acordos com a mudança de contexto ou tópico".² Obviamente todos nós mudamos o nosso estilo de falar de acordo com a situação, por exemplo, não nos dirigimos a crianças da mesma maneira que proferimos uma conferência para graduandos, e pressupõe-se que um advogado tente evitar os habituais rodeios de sua profissão quando estiver torcendo para seu time de futebol. A alternância de "you" e "thou" aparentemente segue a mesma orientação:

"..... o falante em primeiro lugar recebe estímulos do ambiente exterior, avalia e seleciona dentre eles de acordo com seus próprios antecedentes culturais, experiências pessoais e seu conhecimento sobre seus interpeladores. Em seguida, ele decide que normas aplicar à situação em que se encontra. Estas normas determinam a seleção do falante entre as opções de comunicação existentes para representar a sua intenção."

Para Brown e Gilman (1960) as duas formas do pronome representam poder e/ou solidariedade. Em suma, eles sugerem que a reciprocidade de "tu" e "vous" (ou seus equivalentes em línguas semelhantes) evoluiu no sentido de representarem símbolos de igualdade, o primeiro dando ênfase à intimidade ou solidariedade e o segundo à não intimidade, enquanto que o uso assimétrico de "tu" de superior a inferior e "vous" de inferior a superior, denota uma diferença de poder. Para Ellis (1967) a forma "thou" é usada entre pessoas de nível igual.

A evidência, porém, comprova que a situação não é de maneira alguma tão simples. A linguagem está constantemente em estado de flutuação, os meios de comunicação das massas exercem grande influência nos hábitos da fala, e as comunidades linguísticas não se encontram mais isoladas como antigamente; tudo isto faz

2 LABOV, W. *The study of language and its social context*. Introduction.

3 GUMPERZ, John J. & HYMES, Dell. *The ethnography of communication*. New York, Holt, Rinehart and Winston, 1972. p. 15.

com que não haja mais limites tão delineados, porém uma erosão dos limites sociolinguísticos em geral. As pessoas de nível igual já não conseguem ser identificadas pelas suas vestimentas ou suas atitudes grupais, e, pelo menos na área da pesquisa, a troca recíproca de "thou" entre marido e mulher parece ter desaparecido. Em tais circunstâncias torna-se difícil relacionar os fatos. Os informantes são suspeitos, principalmente porque em virtude de sua importância, eles se comportam lingüisticamente atentos no sentido de mostrarem preconceitos em relação à língua padrão, principalmente porque em geral o dialeto é associado com falta de instrução. Mais ainda eles tendem a refletir sobre seus próprios pontos de vista, muitas vezes muito pessoais, baseados em evidências bastante restritas. Decidimos, portanto, obter para o propósito desta pesquisa, pontos de vista de uma grande variedade de pessoas locais, com diversas ocupações, grau de instrução e nível social variados, e depois comparar suas observações a uma coletânea de formas da linguagem comum, gravada sem o conhecimento de seus participantes, na maior variedade de ambientes possível.

Em primeiro lugar, foi constatado que existem grandes divergências entre o que as pessoas dizem e o que realmente ocorre. Os motivos que causam este fato não foram difíceis de encontrar. A forma "thou" persistia na "classe dos operários" muito depois de ter sido abandonada por outros falantes, (eu uso este termo simplesmente para distinguir aqueles que vivem de pagamentos semanais dos que recebem salários, geralmente em função de trabalhos mais rotineiros) e assim ficou ligado à falta de instrução e, por associação, à falta de sofisticação. A consequência natural é que aqueles que procuram sobressair-se socialmente estavam inclinados a rejeitar "thou" desde os anos de sua formação, do mesmo modo que uma adolescente se desfaz de sua boneca quando pensa que os outros a consideram adulta. Assim, todos os informantes asseguravam que "thou" era coisa do passado, usado somente por semi-analfabetos, fazendeiros isolados e pessoas obstinadas a conservar antigos hábitos. Um coveiro afirmou que nenhuma das pessoas que ele conhecia usava "thou" regularmente, um empregado de uma loja disse que "thou" estava praticamente em desuso, e um operário de uma fábrica que com certa relutância admitiu que usava "thou" com seus amigos no trabalho, recusou-nos terminantemente a possibilidade de gravarmos seu modo de falar. Além disso, todos os professores da escola local tinham certeza de que as crianças não usavam "thou", após meio século de instrução obrigatória.

Um questionário aplicado em crianças desta mesma escola foi, entretanto, mais fiel em relação aos fatos constatados por grava-

ções posteriores. Pediu-se que as crianças indicassem se alguns de seus amigos ou parentes próximos tinham o hábito de usar "thou", solicitando-lhes que fizessem uma marca ao lado de uma série de nomes contidos em forma de lista numa folha de papel. Deveriam colocar sua idade e sexo, porém seu nome não deveria constar, porque pressentiu-se que a garantia do anonimato iria encorajá-los a dar respostas mais verdadeiras. Os resultados da pesquisa comprovaram que, longe de ter caído em desuso, a forma "thou" ainda é usada em grande proporção nesta comunidade. 47% das crianças afirmavam usar "thou": 50% diziam que alguns de seus amigos usavam este pronome; 42% declaravam que seus pais o faziam; e 18% suas mães. As outras estatísticas eram as seguintes: avôs 44%, avós 29%, irmãos 24% e irmãs 12%.

Gravações efetivadas de surpresa, em lojas, clubes, campos de esporte, bares, e reuniões públicas e sociais, comprovaram o que constatamos na pesquisa do questionário, de que "thou" ainda fazia parte do repertório linguístico de muito mais pessoas do que esperávamos, apesar de que a freqüência de uso variava imensamente. A comunidade lingüística pode, portanto, ser considerada como uma espécie de 'continuum', estando aqueles que usam apenas "you" em uma das extremidades e na outra os que usam "thou" regularmente. Os primeiros incluem novatos na área e profissionais em sua maioria, enquanto que os últimos geralmente compreendem fazendeiros e trabalhadores braçais. E no meio destes há pessoas que alternam as duas formas "you" e "thou", com maior ou menor freqüência. Entretanto parece não haver divisões categóricas. Observamos que vários profissionais usavam "thou" quando se encontravam na companhia de velhos amigos de escola, que ora desempenhavam funções de trabalhadores braçais, e mesmo aqueles que usavam "thou" com muita convicção, mudavam para "you" quando a conversa tomava o rumo da política.

Qual é então a razão porque as pessoas alternam as duas formas de tratamento? É evidente que não se trata apenas de uma questão de "solidariedade" ou "poder", como Brown e Gilman (1960) sugerem no caso das línguas Indo-Européias que são objeto de seus estudos. Ellis (1967) observa em Leeds, uma cidade que fica perto da área de nossa pesquisa:

"..... frases como "Does T'want? (Do you want?), "Wear ta bahn?" (Where are you bound?) mostram uma modalidade de uso que não é apenas um lugar-comum, porém sujeita a um rígido conjunto de regras de sintaxe. A forma "thou" é preservada apenas

para o uso no singular, porém somente nos dirigimos especialmente à pessoa com quem falamos, se esta for igual ou inferior. São consideradas pessoas de nível igual colegas de trabalho e indivíduos que pela sua maneira de vestir ou atividade grupal (por exemplo: numa feira, clube ou supermercado) compartilham da atividade do falante; e o âmbito familiar, particularmente marido e mulher. "Thee" e "thou" não serão usados com estranhos que obviamente pertencem a outro ambiente"⁴.

Isto porém também não explicita inteiramente a situação. Colegas de trabalho braçal usam "thou" reciprocamente — a evidência das gravações feitas no clube dos trabalhadores foi surpreendente — porém eles mudavam para "you" sempre que alguém de uma classe social diferente, um estranho na cidade, ou uma pessoa de fora se aproximava.

Tudo isso certamente está de acordo com o conceito de "solidariedade" — a idéia de que um grupo interno não deve ser violado por pessoas estranhas. Mas o que acontece no que diz respeito a outras situações? Como foi mencionado anteriormente um estudante universitário ocasionalmente usará "thou" quando estiver jogando dardos com outros homens, principalmente se todos eles tiverem nascido na mesma cidade. Um empregado de uma loja irá cumprimentar um freguês empregando "you", porém passará a usar "thou" se a conversa fugir do assunto de compras, e um falante local, excepcionalmente mudará de "you" para "thou" para impor-se a um estranho quando estiver irritado, mesmo que normalmente a situação exija "you". Anedotas mais grosseiras parecem exigir "thou", sem levar em consideração a classe da pessoa que a conta.

Mais importantes que as pesquisas de Brown & Gilman e Ellis, são as descobertas de Blom & Gumperz, que apontam três principais indícios contextuais (contextual clues), por intermédio dos quais os falantes nativos provavelmente deveriam chegar a interpretações corretas de sentido social. Estes são o ambiente ("setting") que se refere "à maneira pela qual os nativos classificam seu ambiente ecológico em lugares específicos" por exemplo, o lar, a igreja, o trabalho, etc.; a situação ("situation") que é definida como sendo "atividades desempenhadas por grupos específicos de pessoas, reunidos em determinado ambiente durante um espaço de tempo determinado", e o acontecimento ("event") que "depende das opor-

4 ELLIS, Stanley. *Dialects*. In: BERESFORD, M. W. & JONES, G.R.J., eds. *Leeds and its region*. Leeds, Local Executive Committee of the Brit. Assoc. Advanc. Sci., 1967. p. 147.

tunidades e restrições de interações ocasionadas por deslocamentos de pessoas e/ou objeto de interação"⁵.

Aplicando este panorama à presente situação, poderíamos estabelecer que a escolha entre "thou" e "you" dependerá, em parte, do lugar onde o acontecimento linguístico (speech event) se realizar, sendo também os interlocutores, o tópico em questão e outros, fatores muito importantes. Portanto seria possível prognosticar a seleção do pronome, porém somente até certo ponto. Se dois trabalhadores braçais estiverem falando sobre futebol num clube, poderíamos supor com certa confiança que eles estejam empregado "thou", do mesmo modo que um grupo de profissionais conversando sobre qualquer assunto no local de trabalho, estariam inclinados a usar "you". O problema maior porém é apresentado por um grupo de operários locais discutindo política. O pronome a ser empregado irá depender do local (no clube provavelmente usariam "thou", enquanto que num encontro em lugar público, "you" seria a forma preferida), do grau de abstração, (dependendo do fato de entenderem alguma coisa de política ou de estarem simplesmente falando mal de candidatos rivais) e finalmente, da seriedade de propósito do assunto a ser discutido.

O que é quase certo é que se um dos participantes da conversa resolver mudar para "you", todos seguirão o seu exemplo. Este último ponto é muito importante. A reciprocidade de "thou" pode sugerir amizade, idéias similares, antecedentes iguais e solidariedade geral no grupo, porém, em contraposição a isto existe a consciência de que "you" representa instrução e sofisticação. Insistir no uso de "thou" quando os outros usam "you", é revelar falta de consciência social ou obstinação. É bem melhor reconhecer que uma situação nova foi criada, e procurar adaptar-se.

O que parece haver nesta determinada região no norte da Inglaterra, é uma comunidade linguística que conservou uma forma de falar obsoleta, em relação à qual sua atitude é um tanto ambivalente. Ela reconhece que a sociedade educada e o mundo moderno exigem "you", e como todos os membros da comunidade têm "you" a seu dispor, "thou" poderia facilmente ser deixado de lado. Parece sobreviver, entretanto, porque apesar de suas conotações de ignorância e falta de sofisticação, a comunidade mantém esta forma de tratamento em alta consideração. É um símbolo de unidade, um elo de raízes comuns, de certa maneira reconfortante. Por isso encontramos a situação anormal de os membros desta comu-

5 BLOM, J. P. & GUMPERZ, J.J. Social meaning in linguistic structure. In: GUMPERZ, J.J. *Directions in sociolinguistics*. New York, Holt, Rinehart and Winston, 1972, 422-3.

nidade evitarem a forma "thou" na presença de estranhos, devido a um tolo sentimento de vergonha, porém eles ainda continuam usando-a entre si com evidente satisfação. Relembrando a analogia da adolescente e suas bonecas, eles têm consciência suficiente das exigências do mundo para agir com propriedade do lado de fora, entretanto, sentem-se realizados ao conservarem antigas afeições na intimidade de seu ambiente. É quase impossível dizer até quando esta situação continuará, porém enquanto durar estará fornecendo um exemplo interessante sobre como as considerações sociais regem a escolha linguística.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BROOK, G. L. *A history of the English language*. London, A. Deutsch, 1958. 224 p.
- BROWN, Roger W. & GILMAN, Albert. The pronouns of power and solidarity. In: LAVER, John & HUTCHESON, Sandy, eds. *Communication in face-to-face interaction*. Harmondsworth, Penguin, 1972. p. 103-127.
- ELLIS, S. Dialects. In: BERESFORD, M.W. & JONES, G R J, eds *Leeds and its region*. Leeds, Local Executive Committee of the Brit. Assoc. Advanc. Sci., 1967.
- GUMPERZ, J.J. & HYMES, D. *Directions in sociolinguistics*. New York, Holt, Rinehart and Winston, 1972. 598 p.
- LABOV, W. *The study of language and its social context*. Introduction.
- MCINTOSH, Angus & HALLIDAY, M.A.K. As you like it; a grammatical clue to character. In: ———. *Patterns of language*. London, Longmans, 1966. p. 70-82.
- MOSSÉ, Fernand. *A handbook of Middle English*. Baltimore, Johns Hopkins Press, 1952. 495 p.
- MULHOLLAND, J. Thou and you in Shakespeare. *English Studies*, Lisse (48), 1967.
- QUIRK, R. *The linguist and the English language*. London, E. Arnold, 1974. 181 p.
- ROBINSON, W. P. *Language and its social behaviour*. Harmondsworth, Penguin, 1972. 222 p.

RESUMO

Este artigo faz considerações sobre a conservação de duas formas da segunda pessoa do singular dos pronomes em algumas comunidades linguísticas na Inglaterra, muito depois de um deles ter caído em desuso no inglês padrão. Ele mostra que os falantes que ainda usam ambas as formas, tendem a usar "you" e "thou" alternadamente de acordo com certo número de considerações sociais, que muitas vezes provam ser instintivas, mas que estabelecem com precisão as normas linguísticas aplicáveis a qualquer situação dada. Este artigo também discute a possibilidade de prever a escolha do pronome com certo grau de precisão.

SUMMARY

This paper considers the retention by some speech communities in England of two forms of the second person singular pronoun, long after standard English has discarded one of them. It finds that speakers who still use both forms tend to switch from one to the other according to a number of social considerations which are often quite instinctive but which accurately establish the linguistic norms applicable to any given situation. The paper then goes on to discuss the possibility of predicting pronoun choice with any degree of accuracy.